

DIÁRIO DE VIAGEM

RIBADAVIA, MONFORTE DE LEMOS, TUI E LEÓN

Nani Arenas



CAMINHOS DE
SEFARAD
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

#DescubreSefarad

WWW.REDJUDERIAS.ORG



Nani Arenas

Jornalista especializada em viagens e comunicação turística. Licenciada em Ciência Política e Sociologia pela UCM e Mestre em Jornalismo pela UAM- El País. Atualmente trabalha como jornalista e consultora freelancer para vários destinos e marcas turísticas. O seu trabalho atual centra-se na conceção de estratégias de promoção e inovação, e na conceção de técnicas de criação e divulgação de conteúdos e narração de histórias, com especial dedicação ao mundo digital e ao universo das redes sociais. Colabora com universidades, escolas de negócios e vários organismos, ministrando cursos, oficinas e seminários sobre turismo, marketing e comunicação.

Entre 2011 e 2014 foi diretora administrativa do Consorcio de Turismo de A Coruña. E até julho de 2015, foi assessora em matéria de turismo da Diputación de A Coruña, encarregada pela criação de produtos turísticos para a província. Colabora habitualmente com meios de comunicação especializados (El País, Viajar, Altaïr, El Mundo, Traveler...). Entre 2006 e 2011, criou e coordenou os suplementos turísticos de La Voz de Galicia. Trabalhou também como argumentista de documentários no Canal Viajar. Em 2008 criou laviajeraempedernida.com, atualmente considerado um dos blogs de viagens mais influentes em língua espanhola.

*Diário de Viagem. Ribadavia, Monforte de Lemos, Tui e León.
Edita: Red de Juderías de España. Plaza de Maimónides,
s/n. 14004 Córdoba (España), www.redjuderias.org.
Todos os direitos reservados.*

DIÁRIO DE VIAGEM

RIBADAVIA, MONFORTE DE LEMOS, TUI E LEÓN

Nani Arenas

Existem no noroeste de Espanha destinos que nos recordam o passado judeu da Península Ibérica. Há vários locais onde esta pegada hebraica ainda se conserva em bom estado.

Ao caminhar pelas ruas estreitas das chamadas “judiarias” (bairros onde se concentravam os praticantes desta religião), aparecem símbolos, gravuras, detalhes e ornamentos que o convidam a viajar no tempo.

Este é o objetivo desta rota por algumas localidades carregadas de histórias, lendas e contos que nos permitem mergulhar na riqueza de um legado que, quando conhecemos de perto, nos conquista. Uma viagem cultural por Ribadavia, Monforte de Lemos, Tui, as três localidades galegas da rede. E León. E uma semana pela frente para usufruir do melhor destes destinos.



DIA 1: RIBADAVIA, PONTO DE PARTIDA NA PROVÍNCIA DE OURENSE

Iniciamos a nossa rota pela Galiza. E fazemos uma primeira paragem em Ribadavia, na província de Ourense. Uma das cidades da rede onde melhor se aprecia a marca da cultura hebraica. A viagem até lá já nos avisa que estamos num lugar especial. Esta é uma zona rica, fértil e verde. Famosa pelos vinhos do Ribeiro produzidos na zona envolvente. Estrategicamente localizada nas margens do rio Avia.

Contam as crónicas da época que em Ribadavia houve, nos bons tempos, uma comunidade de mais de 1.500 judeus (embora os historiadores assegurem que seriam muitos menos). Chegaram a estas terras pelos séculos XII e XIII. Ficaram no início pela riqueza de um domínio de possibilidades infinitas. E em segundo lugar, e muito importante, pela boa aceitação da sociedade galega em relação à sua cultura. Fato que, lamentavelmente, foi interrompido a partir de 1595, quando a Santa Inquisição começou a perseguir os judeus não só em Ribadavia, mas também noutras vilas galegas.

Com os antecedentes claros o passeio pela judiaria de Ribadavia torna-se mais interessante. A velha judiaria conserva a rede labiríntica de que tanto agrada aos viajantes. Um conjunto de ruas estreitas de ar medieval cheias de pormenores que nos lembram onde estamos: estrelas de David

esculpidas em fachadas, menores, letras em hebraico... e costumes milenares que aqui sobreviveram à passagem do tempo. Isso sim, cuidado. Se ler sobre Ribadavia em guias e blogs, verá que muitos recomendam uma visita quase obrigatória à Tahona de doña Herminia. Lamentavelmente, este estabelecimento já fechou as suas portas pois a sua criadora reformou-se.



Sem dúvida, em Ribadavia sentem falta de Dona Herminia, que transformou a arte de fazer bolos judeus num modo de vida. Que agradável era conversar com ela na sua padaria, onde estava sempre com as mãos na massa!



Esperamos que este texto sirva como um pequeno tributo ao seu trabalho constante. Anos e anos a cozer todos os dias os doces hebraicos que a dona Herminia preparava com as suas próprias mãos. Levantava-se todos os dias às 3 horas da manhã para preparar tudo. Por enquanto, ninguém assumiu o controlo. Mas felizmente existem outras pastelarias que oferecem bolos com receitas semelhantes. Não deixe de os experimentar.





Com o sabor doce na boca continuamos o passeio pelos arredores da Plaza de Magdalena. O áudio guia oferecido pelo Gabinete de Turismo para o percurso diz-me que foi aqui que estive em tempos a sinagoga. Mas o meu companheiro virtual também indica que o eixo central da velha trama urbana hebraica é marcado pela rua Merelles de Caula, a qual parte da agradável Plaza Mayor. Lugar que é certamente o melhor ponto para iniciar o passeio.

Se tivesse de escolher uma rua em Ribadavia, talvez escolhesse a Porta Nova de Arriba e a de Abaixo, as quais convergem na Porta Nova. Acesso que ainda conserva esse aspeto peculiar ameadado. E recorda a quem o

contempla que este era o ponto de entrada obrigatório na localidade.

Neste ponto da caminhada, talvez a curiosidade pela cultura judaica já tenha causado a sua impressão. Bem, estamos com sorte. Comecei esta viagem em Ribadavia pois aqui também se encontra o Centro de Informação Judaica da Galiza, um bom local para saber mais.

Para visitá-lo, deve entrar no Castelo dos Condes de Ribadavia, onde também se oferece um áudio guia que indica um percurso pelas ruínas deste monumento barroco, originário do século XV. Um símbolo do poder da família Sarmiento, senhores de Ribadavia.

“

Claro que a melhor forma de terminar a visita é sentar-se na Plaza Mayor. Saboreando um vinho local, um ribeiro fresco. E de um bom jantar com o polvo como prato principal. Sim, é curioso. Embora Ourense seja a única província da Galiza que não tem mar, diz-se ser onde se come o melhor polvo a feira, com as batatas cozidas e o pimentão. Posso confirmar a verdade dessa lenda popular.

”



DIA 2: MONFORTE DE LEMOS, EM LUGO

Perto de Ribadavia encontramos outro enclave com um passado judeu interessante. A apenas 50 quilómetros a norte, na província vizinha de Lugo, fica Monforte de Lemos. A estrada que liga as duas localidades corre, nalguns troços, paralelamente ao rio Sil. E há pontos panorâmicos onde se pode parar para apreciar a beleza da paisagem. Se fizer o percurso de carro, o meu conselho é conduzir devagar e apreciar a beleza que o rodeia.

Assim que chegamos, uma imagem adverte-nos que acabamos de entrar num destino muito especial. O monumental Colegio de la Compañía, com o seu estilo Herreriano - e por isso descrito pelos cronistas como “o Escorial Galego” - impõe-se altivo perante os olhos do viajante. Como o seu nome indica, acolhe uma escola que ainda hoje está ativa. Mas felizmente, oferecem visitas guiadas que percorrem alguns dos espaços mais significativos como a imponente escadaria (uma única peça com mais de três metros de largura), os pátios, o claustro e a igreja.

“

O fantástico retábulo principal merece uma menção especial. É dedicado à Virgem Maria e talhado em madeira de nogueira. E entre as cenas mais curiosas, destaca-se a circuncisão do Menino Jesus.

”

Uma vez seduzidos por esta receção, é tempo de dar um passeio pela parte mais medieval de Monforte de Lemos. Para chegar ao bairro mais antigo há que atravessar uma animada rua comercial. Cruzar o rio Cabe, onde os amigos do turismo ativo podem praticar atividades náuticas como

a canoagem, o remo... E subir pela Plaza de España até à Puerta de la Zapatería, já no coração da velha judiaria. A partir daí continuamos a subida ao longo de outra rua íngreme que também tem nome de ofício, a da Pescadería, que corre paralela à velha muralha.





Colégio da Companhia.



Rua Falagueira.

Enquanto passeamos surgem à vista fachadas monumentais. Algumas abandonadas. Outras em processo de restauro como a casa dos Gaibor, outrora propriedade de uma família judia rica e que ainda conserva símbolos na sua porta que recordam as crenças dos seus primeiros moradores.

Seguimos pela rua Falagueira. É surpreendente saber que em galego, este nome significa “fala”. Expressão que ainda hoje é usada como sinónimo de bulício, tagarelice, discussão... Alusiva às pessoas que falam e que faz referência ao ambiente que, diz-se, nos bons tempos, flutuava nesta rua que, contam, chegou a ser a mais importante de Monforte de Lemos. Aqui encontrava-se a sinagoga, da qual nada resta. Também o antigo Ayuntamiento... Mas pouco ou

nada resta daqueles anos gloriosos. Hoje em dia a solidão acompanha o visitante durante uma grande parte da rota.

Seguimos o caminho até chegarmos à majestosa torre, outro dos ícones de Monforte de Lemos, visível de quase todos os ângulos. É a fortaleza ativa do monte de San Vicente. É daqui precisamente que vem o nome da cidade: as palavras

“monte forte” de cuja união nasce o termo Mon-forte.

No interior da torre existe atualmente um pequeno museu dedicado à história da cidade e da zona. Mas o que mais surpreende é encontrar símbolos que nos recordam novamente o passado hebraico de toda esta região. Por exemplo, essas cruces de David talhadas a cinzel na pedra.

“

A caminhada até à torre de menagem é dura e merece uma recompensa. Para além da vista panorâmica de Monforte e arredores, vale a pena mencionar que ao lado da torre encontramos o Palácio Condal e o Mosteiro de San Vicente. Um conjunto monumental reconvertido num hotel da cadeia Paradores onde se pode dormir, comer qualquer coisa ou simplesmente sentar-se e desfrutar da paz do lugar no belo claustro.

”





DIA 3: TUI, PEGADA JUDAICA COM VISTA PARA O RIO MINHO

Continuamos na Galiza e dirigimo-nos à província de Pontevedra para visitar a terceira cidade da rede; Tui, situada nas margens do Minho. Cidade lendária e alfandegária, com ruas calcetadas e casas de pedra que falam dos seus povoadores, entre eles uma comunidade judaica com um legado que é um tesouro.

Já ouviu falar da expressão “qué no te cuelguen un Sambenito” (que não te pendurem um Sambenito)? Em Tui aprende a origem deste ditado popular, uma vez que se orgulha de ter acolhido os únicos sambenitos que se conservam na Europa. O que eram?

Eram túnicas (sacos abençoados) que os hereges tinham de usar para toda a vida por ordem da Santa Inquisição com o nome do pecador gravado e a penitência imposta. Eram pendurados em locais visíveis para anunciar a todos a ofensa cometida e aí permaneciam durante anos e até séculos, para que a família inteira fosse humilhada durante gerações.

Contemplan estes sambenitos na Catedral de Tui, onde estão expostos quatro, ou no Museu Diocesano, onde estão expostos os dez restantes, justifica uma viagem a esta localidade cheia de curiosidades.

Junto aos sambenitos da catedral também vemos expostos cálices de prata talhada que nos colocam uma nova questão: Foram obra de ourives judeus? O estudo das peças sugere que assim foi.

Admirar a monumental Catedral de Santa Maria também é um motivo para uma visita. O que faz uma grande catedral como esta num lu-

gar tão remoto? Por um lado, a diocese de Tui, que também abarcava o norte de Portugal, era poderosa pela sua extensão. E pela sua localização no Caminho Português, passagem obrigatória, portanto, para os peregrinos a caminho de Santiago de Compostela.

Assim, era necessário construir um templo altivo, rico. Que advertisse do poder da igreja local. E ao mesmo tempo servisse como fortaleza defensiva e atalaia de onde vigiar os vizinhos portugueses e ter uma boa vista do rio Minho. Por isso foi construído no alto de um velho castro, onde ainda permanece.

De origem românica, conserva ainda algumas das primeiras pedras do século XI. Mas o que domina é a marca do estilo gótico, como se pode ver na sua fachada, a primeira deste estilo criada em Espanha e que nada tem a invejar às suas vizinhas castelhanas ou francesas.



Os catorze sambenitos encontrados em Tui não são apenas um tesouro artístico valioso. São também documentos históricos valiosos que confirmam a presença da comunidade judaica em Tui. Como se pode ver nas telas, os justicados eram judeus. Falsos convertidos ao cristianismo que continuaram os seus rituais em segredo.





Não deixe de ver esses arcos irregulares e torcidos, os majestosos órgãos que ainda funcionam. Ou o claustro, uma das joias da arte ogival galega, onde encontramos uma talha muito estranha. Mesmo à entrada pode ver-se uma menorá (candelabro judeu de sete braços) talhada na pedra e ao seu lado, algumas palavras em hebraico...

Este não é o único sinal de origem judaica talhado na pedra. Na rua Entre Fornos encontramos cruzes esculpidas nalgumas fachadas, costume que tinha a finalidade de ocultar a fé judaica dos seus habitantes. Nesta rua, que corre paralela à muralha e onde se vê como Tui foi construída sobre rochas, vemos também algumas das casas mais antigas. Entre elas a que foi cárcere capitular. Prisão onde se encerravam clérigos de origem judaica.

Muito próximo, um cartaz azul anuncia outro local de interesse na rota do trilho judaico. A casa do talhante “Peru el Judío”, o único estabelecimento de venda de carne documentado na Galiza. A sua casa ficava mesmo na escadaria

que dá forma à rua de Triparía, rua onde antigamente se despejavam os restos de carne. Hoje é um dos recantos mais pitorescos de Tui.

Neste ponto do percurso já se torna claro que a comunidade judaica estava dispersa por toda a localidade e convivia misturada com as famílias locais. Embora seja verdade que existem áreas onde a sua influência é mais evidente, como nos arredores do que foi a sinagoga, hoje desaparecida. Esta estava situada ao pé da muralha, onde agora se encontra a mansão dos Sarmiento Celaya. Ao lado da porta da Pía, o principal acesso ao interior de Tui e onde, aparentemente, existiu um Mikvé, recinto especial para banhos rituais hebraicos que, segundo as crónicas, foi eliminado no século XVIII para evitar epidemias.

Um pouco mais abaixo da sinagoga, na Calle de las Monjas, encontra-se a “casa de los capellanes”. O cartaz azul na porta dirige o nosso olhar para as mênulas da parte superior dedicadas aos sacerdotes Moisés e Aarão. Decoração que

confirma que esta pode ter sido uma casa habitada por judeus. Tal como a chamada “casa do mercador Salomón”, na rua próxima Castañón (anteriormente chamada rúa Canicouba), cujo traçado é também típico das habitações hebraicas.

Doces hebraicos

O pátio da Casa de Salomón tem vista para o convento de Las Clarisas, onde ainda hoje vivem freiras de clausura que vendem uns doces deliciosos. Não deixe de os experimentar.

Pouco a pouco a história dos judeus em Tui envolve o visitante. As referências sucedem-se. A mente viaja para uma época medieval distante e misteriosa que ainda se sente com força. O silêncio é o companheiro constante neste passeio. Paz é o que se sente ao passear por Tui. Apenas o toque dos sinos quebra por vezes o silêncio sepulcral. Ou os passos de algum grupo de peregrinos que seguem o caminho das vieiras ou as setas amarelas rumo ao túmulo do apóstolo.

Definitivamente, não se pode compreender Tui sem o seu passado judaico. Nem sem o rio. No passado, dizia-se que o Minho separava Espanha de Portugal. Atualmente diz-se que une os dois países.

À hora de dormir, uma proposta com essência judaica. O hotel A torre do Xudeu, uma grande casa senhorial outrora propriedade da família Blanco - Cicerón e recuperada como alojamento de charme. Deve o seu nome à torre que se conserva no seu jardim, original do ano 1170 e que confirma a existência de famílias judias intramuros. Um bom lugar para respirar a história judaica de uma cidade cheia de lendas e vestígios antigos.





DIA 4 Y 5: EXPLORANDO LEÓN

As povoações judaicas no noroeste de Espanha não estavam só localizadas em pequenas localidades. Também encontramos exemplos de vestígios hebraicos em grandes cidades como León, onde recomendo uma paragem mais longa. Um mínimo de dois dias para poder exprimir, não só a essência da pegada sefardita, mas também a batida do coração de ambas as cidades.

Chegamos a León por estrada a partir de Tui. É uma viagem longa, perto de 400 quilómetros de distância geográfica separam as duas cidades. Um pouco mais de 200 quilómetros se partirmos de Monforte de Lemos. Mas vale a pena. Ao começar a esgaravatar encontramos muitas semelhanças culturais entre a Galiza e Leão, sobretudo no que se refere ao seu passado hebraico.

Uma vez em León, recomendo que comece a sua visita na colorida Plaza de San Martín, no coração do barrio Húmedo. Especialmente se iniciar a sua rota a meio da manhã, quando os leoneses saem para um copo de vinho e uma tapa. E o que é o bairro do vinho por excelência em León? O Húmedo.

O que surpreende é saber que esta rede de ruas estreitas e praças encantadoras, onde se sucedem, um após outro, centenas de bares onde se pode comer qualquer coisa, é

a velha judiaria. A verdade é que restam poucos vestígios que nos lembrem disso. Mas se olharmos para o chão, de certeza que a dada altura encontraremos um sinal que se repete por toda a cidade e que convive com as vieiras que assinalam o Caminho de Santiago: é um mapa de Espanha, a marca das cidades dos caminhos de Sefarad.

Após a surpresa das luzes das grandes janelas convém percorrer a catedral que está cheia de curiosidades. Preste atenção ao deambulatório, onde encontramos uns frescos que nos recordam a importância da comunidade judaica em León, já documentada nas paredes do templo.

“

Com o estômago cheio, tarefa fácil em León onde o costume das tapas é quase uma religião e onde sempre te servem algo para comer com a bebida, é altura de nos concentrarmos nas maiores atrações da cidade que são muitas e maravilhosas. Veja-se por exemplo a catedral. Um dos templos mais bonitos de Espanha. Obra-prima gótica. Monumento que brilha com luz própria, especialmente a essa hora “mágica” quando o sol penetra pelas janelas e faz brilhar os famosos vitrais, mais de cem janelas e três rosáceas. Que espetáculo! A sua contemplação justifica a visita, de onde quer que se venha.

”



“

Os hebreus chegaram a esta localidade fugindo do povoado vizinho de Puente Castro, destruído nalguma batalha distante. No museu arqueológico de León conservam-se alguns vestígios daquele lugar .

”

Uma vez em León, estes primeiros judeus instalaram-se extramuros, junto à velha “Puerta Moneda”, onde eram cobrados os impostos aos que chegavam a León e por onde passavam os peregrinos a caminho de Santiago de Compostela. Esta é uma zona (agora completamente integrada na cidade) que ainda é conhecida como o “prado dos judeus”.

Se continuarmos a caminhar ao longo dos restos da muralha pela Calle de las Cercas; ou pela paralela, a de las Carbajalas, atravessamos belas praças como a de Santa María del Camino (uma das minhas favoritas nesta cidade e popularmente conhecida entre os locais como a Plaza del Grano); a de Riaño e, no final, a melhor surpresa. A colossal Plaza Mayor, também localizada no interior da judiaria.

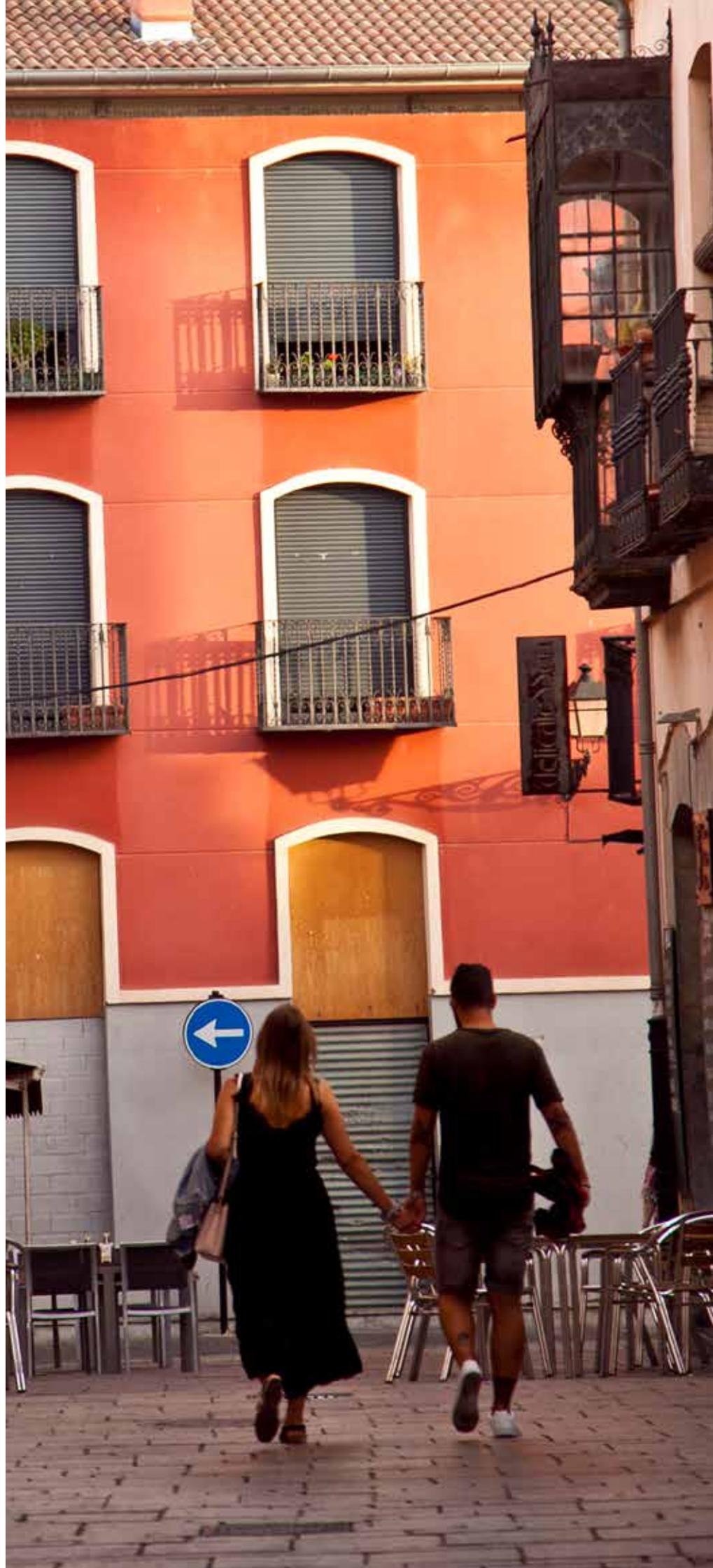


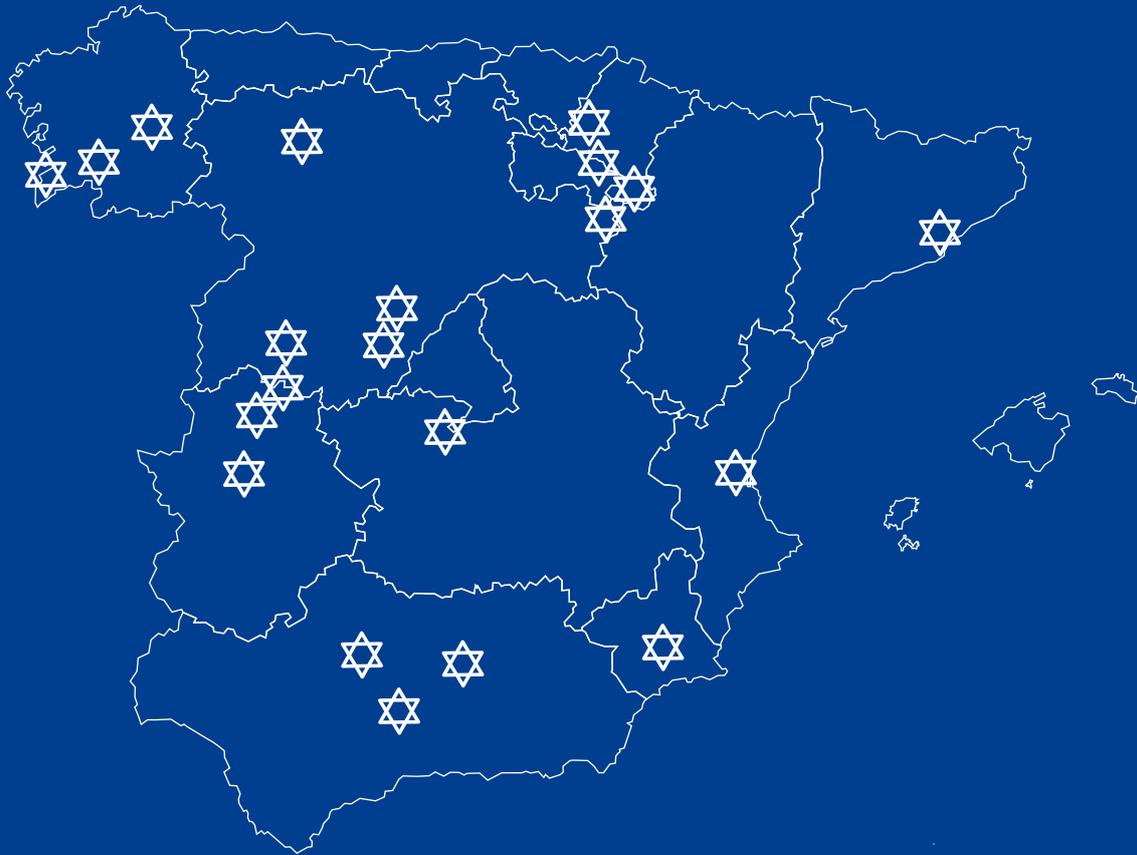
Mas León esconde mais atrações que não devem passar despercebidas aos olhos do viajante, e por isso recomendo que seja uma cidade onde passe pelo menos um par de dias. É impossível sair desta capital castelhana sem visitar a Igreja Real Colegiata de San Isidoro com os seus frescos românicos excelentemente conservados. Aqui está exposto o cálice de Dona Urraca, uma peça que, segundo alguns especialistas, é feita a partir do autêntico Cálice Sagrado.

É impossível não se deixar conquistar pelo ambiente agradável que se vive na comercial e sempre animada Calle Ancha. É difícil não se surpreender perante a fachada de palácios como a Casa de Botines, a obra do grande arquiteto Antonio Gaudí.

Outra visita obrigatória leva-nos ao outro lado da cidade onde reina o também espetacular Convento de San Marcos, outrora um hospital de peregrinos e atualmente o segundo Parador que encontramos nesta rota pelas cidades da rota de Sefarad pelo noroeste Espanhol. Sem dúvida, um bom hotel e ainda mais desde que abriu as suas portas após uma remodelação integral. Sem dúvida, um dos melhores e mais emblemáticos do grupo e onde recomendo fazer uma paragem e estadia durante o percurso.

Para os amantes da arte moderna, uma última atração. Muito perto do Hostel San Marcos está a alegre fachada do MUSAC (Museo de Arte Contemporáneo de Castilla y León). Uma curiosidade para concluir esta viagem pelo noroeste de Espanha seguindo os passos dos nossos antepassados judeus. Sabia que a sua fachada colorida está inspirada pelos vitrais da catedral?





ÁVILA . BARCELONA . BÉJAR . CÁCERES . CALAHORRA . CÓRDOBA .
ESTELLA-LIZARRA . HERVÁS . JAÉN . LEÓN . LORCA . LUCENA . MONFORTE
DE LEMOS . PLASENCIA . RIBADAVIA . SAGUNTO . SEGOVIA . TARAZONA .
TOLEDO . TUDELA . TUI



CAMINHOS DE
SEFARAD
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

redjuderias.org
descubresefarad.com
descubridores@redjuderias.org

